

CORDEL NOTICIOSO: conceitos e aproximações com o gênero notícia e reportagem¹ NEWS CORDEL: concepts and approaches to the news and reportage genre

Keyssianne Morais de Oliveira ²

Resumo: *Este estudo se debruça sobre as aproximações do cordel noticioso com os gêneros jornalísticos: notícia e reportagem. Analisaremos como os cordéis que se propõem a noticiar acontecimentos constroem suas narrativas e observaremos as características dos gêneros notícia e reportagem incorporadas à poética, considerando também as camadas de interpretação e liricidade trazidas pelos versos. Partindo do entendimento proposto por Clifford Geertz acerca da cultura enquanto uma “teia de significados”, esta pesquisa utiliza a Folkcomunicação para discorrer sobre a íntima relação do cordel com a cultura nordestina, a ponto de o folheto decodificar o discurso jornalístico hegemônico para o universo semiótico sertanejo. Com um referencial teórico marcado pelos estudos de Lage, Traquina, Wolf, Sodré e Pena, o texto percorre diferentes, mas complementares, conceitos acerca de notícia, reportagem e noticiabilidade, para então aplicá-los na análise crítica do cordel “A Guerra na Ucrânia”, de Jotabê.*

Palavras-Chave: *Cordel. Teorias do Jornalismo. Reportagem. Notícia.*

Abstract: *This study focuses on the connections between news-related cordel literature and journalistic genres: news and reportage. We will analyze how cordel poems that aim to report events construct their narratives and observe the characteristics of the news and reportage genres incorporated into the poetics, also considering the layers of interpretation and lyricism brought by the verses. Starting from Clifford Geertz's understanding of culture as a "web of meanings," this research uses Folk Communication to discuss the intimate relationship between cordel and Northeastern Brazilian culture, to the point that the pamphlet decodes the hegemonic journalistic discourse for the semiotic universe of the Sertão. With a theoretical framework marked by the studies of Lage, Traquina, Wolf, Sodré, Pena, the text explores different, but complementary, concepts about news, reportage, and newsworthiness, and then applies them to the critical analysis of the cordel poem "The War in Ukraine," by Jotabê.*

Keywords: *Cordel. Theories of journalism. Report. News*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Práticas Interacionais, Linguagens e Produção de Sentido na Comunicação. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Keyssianne Morais de Oliveira: Mestranda pelo PPGCOM da Universidade Federal do Ceará, graduada em comunicação social. Contato: keyss.jor@gmail.com

1. Introdução

Esta pesquisa compreende o cordel como uma manifestação da cultura popular e se debruça, em especial, sobre os cordéis que poetizam notícias. Isto é, aqueles poemas que apresentam um processo de apuração, decodificação e poetização de um acontecimento, com o intuito de informar os leitores sobre determinado fato, sem abrir mão das camadas de interpretação, subjetividade, ironia e humor típicas da poética do cordel. Partindo do entendimento de que o cordel pode comportar, em sua poética, o processo noticioso ao relatar acontecimentos em forma de poesia, este estudo formula a seguinte pergunta norteadora: o cordel que se propõe a noticiar acontecimentos apresenta maior aproximação com o gênero notícia ou com o gênero reportagem?

Para isso, nas próximas seções, o texto apresenta a relação intrínseca do cordel brasileiro com a cultura nordestina e como este é transformado e transforma essa cultura; discute a função do cordel enquanto decodificador do discurso jornalístico hegemônico; além de abordar os conceitos de Traquina (2005), Lage (2001), Pena (2010), Sodré (2009) e Wolff (2003) acerca das noções de notícia e reportagem, relacionando tais conceitos diretamente à ideia do cordel noticioso e buscando aproximações entre ambos os gêneros. Por fim, este estudo realiza uma análise textual, utilizando como metodologia a Análise Crítica da Narrativa, mais especificamente o método do professor Gonzaga Motta (2013), do cordel “A Guerra na Ucrânia”, de autoria do cordelista cearense Jotabe, com o objetivo de identificar as aproximações do cordel noticioso com os gêneros notícia e reportagem.

Esta pesquisa também propõe uma discussão acerca de qual terminologia melhor define a categoria de cordel em questão, com base na fundamentação teórica adotada. Os objetivos do estudo, além de discutir novas aplicações das teorias do jornalismo em objetos alternativos e contra-hegemônicos, como o cordel, abrangem também o entendimento do cordel noticioso enquanto uma *outra* forma de noticiar acontecimentos, complementar, porém independente, dos meios tradicionais de comunicação.

Por fim, os resultados da análise, aliados à fundamentação teórica da pesquisa, sugerem que o cordel noticioso transita entre os gêneros notícia e reportagem, informando acontecimentos por meio de camadas de interpretação, opinião, humor, ironia, liricidade e

poética. O cordel não é jornalismo, nem se propõe a sê-lo, mas comporta, em seus versos, a capacidade de noticiar acontecimentos com maestria quando a essa função se dedica.

2. O Cordel como reflexo da cultura nordestina

O cordel chega ao Brasil por meio das bagagens coloniais, mas é a historiografia da região Nordeste que transforma o cordel, enquanto termo lusitano referente a histórias vendidas em papel barato e expostas em cordões nas feiras públicas, no folheto nordestino, marcado por narrativas de vanguarda e reivindicações, ao tratar de problemáticas comuns ao povo. Diegues Jr. (1986) aponta a própria composição familiar nordestina como um terreno fértil para a popularização dessa literatura. Ainda no século XIX, diante da ausência de eletricidade, as chamadas “noites de serão” funcionavam como uma espécie de reunião familiar em torno de um candeeiro, na qual o membro alfabetizado da família lia histórias, novelas, causos e, por fim, cordéis. Não apenas os de caráter ficcional, mas também os cordéis noticiosos, aqueles que informavam sobre determinados acontecimentos, funcionando como o jornal dessas famílias moradoras de regiões excluídas da circulação dos periódicos impressos.

A própria vida familiar no Nordeste contribuiu para o Serão, a reunião noturna em família. Em torno de um candeeiro, depois do jantar, numa sala de visitas, fosse em engenho, uma fazenda, um sítio, não raro também, uma casa de cidade, reuniam-se os membros da família. A falta de eletricidade fazia do candeeiro o ponto de convergência dos familiares, pais, filhos, irmãos, primos, etc. E a leitura de novelas, de histórias, de poesias, se tornavam o motivo do encontro familiar. O alfabetizado da família era o leitor, e assim a história se divulgava. Não foi difícil a literatura de Cordel introduzir-se neste ambiente. Tornou-se o meio de comunicação, o elemento de difundidor dos fatos ocorridos, servindo como que de jornal ao por a família ao corrente do que se passava. Façanhas de cangaceiros, casos de rapto de moças, crimes, os estragos das secas, os efeitos das cheias, tanta coisa mais.
(DIEGUES, 1986, p.15)

As poesias inspiradas em heróis e vilões do cotidiano sertanejo, sejam as histórias de cangaço e banditismo, as problemáticas da seca, o descaso governamental, os milagres ou as personalidades canônicas, tais como Antônio Conselheiro, Padre Cícero, Getúlio Vargas e Beato José Lourenço, para além da releitura de clássicos decodificados para a linguagem sertaneja e para o contexto nordestino, refletem a forma como o sertanejo compreende o mundo e o lugar que ocupa nele. Afinal, como sugere Diegues Jr. (1986, p. 14), o cordel

constitui uma ferramenta de uma cultura viva e presente, utilizada “como instrumento do pensamento coletivo das manifestações da memória popular”.

A literatura de cordel brasileira possui uma relação quase metalinguística com a cultura nordestina, uma vez que o cordel se configura simultaneamente como produto e produtor dessa cultura que o permeia. Produto porque o cordel é fruto do imaginário coletivo: são as crenças, os dogmas, as problemáticas sociais e os referenciais do cotidiano que inspiram os poetas na criação de suas obras. E produtor porque, ao integrar o imaginário da região Nordeste, reflete e retroalimenta o arcabouço semiótico local, funcionando não apenas como símbolo das manifestações culturais nordestinas, mas também como fonte histórica, linguística e antropológica para diversos pesquisadores.

Jean Caune (2014) complementa essa reflexão ao definir a relação intrínseca entre comunicação e cultura como uma “inclusão recíproca que faz com que um fenômeno de cultura funcione também como processo de comunicação; ou que um modo de comunicação seja igualmente uma manifestação da cultura” (Caune, 2014, p. 8). Assim ocorre com o cordel, que, sendo um fenômeno cultural imbricado na forma como o nordestino conhece e compreende o mundo, constitui também um processo comunicacional, baseado na oralidade, que produz poética a partir do cotidiano de seu público.

Para melhor fundamentarmos o cordel enquanto esta ferramenta de manifestação da cultura popular é importante situar o entendimento deste trabalho quanto a definição de cultura. O antropólogo norte americano Clifford Geertz (2008) defende um entendimento de cultura enquanto um conjunto de signos, que interseccionados entre si tecem uma “teia de significados”. Significados estes que ditam o comportamento e o entendimento de mundo que integrantes de uma mesma cultura compartilham. Isto é, pessoas que compartilham uma cultura assumem de forma intrínseca o mesmo significado para os símbolos, gestos, expressões, falas, festas, comida, cinema, arte e demais aspectos que constroem o seu cotidiano como um povo. Isto tampouco quer dizer que a subjetividade individual dos sujeitos não permita múltiplas interpretações de algo, mas que, enquanto coletivo compartilham de uma teia de significações que fazem com que estas pessoas construam um senso de identidade entre si. Geertz aponta que a cultura é pública, porque seu significado o

é. Esta pesquisa completa seu raciocínio ao afirmar que mais do que publica, a cultura é coletiva.

O conceito de cultura que eu defendo,[...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 2008, p. 4).

Como aponta Mark Curran (1973), embora os folhetos de cordel tenham chegado ao Brasil por meio da colonização portuguesa, é em território brasileiro que os cordéis que poetizam fatos, clássicos e novelas se articulam à oralidade tipicamente nacional, marcada por fortes heranças africanas. Esse processo promove a transformação do cordel português no folheto nordestino, dotado de características próprias, não apenas no que se refere à linguagem, mas também, como já mencionado, ao uso de um arcabouço cultural e semiótico imbricado no cotidiano brasileiro, em especial no nordeste, “abrasileirando” o formato do cordel lusitano.

Desde os dias mais longínquos da colonização, o Português trouxe consigo poesias na forma de romance oral. Estas poesias foram cantadas e levadas anos afora ao povo do Nordeste. A situação, ou seja, o ambiente do Brasil, influi muito nas pessoas que cantavam as poesias velhas, e assim criavam novas poesias de conteúdo mais “brasileiro”.
(CURRAN, 1973, p.23)

Muitos foram os esforços para classificar os temas mais recorrentes nas poesias de cordel. Ariano Suassuna, assim como Diegues Jr, propõe a organização desses temas em ciclos temáticos que englobam assuntos comuns ao cotidiano sertanejo. No entanto, este estudo se debruça especificamente sobre aqueles cordéis que transformam acontecimentos reais em poemas. Trata-se de produções nas quais o cordelista se informa sobre um fato, geralmente através dos meios hegemônicos de comunicação, apura a informação, decodifica-a para o linguajar próprio do sertanejo e a transforma em folhetos de cordel rimados, tradicionalmente compostos por oito páginas, sem, contudo, abrir mão da liberdade poética que lhe permite articular realidade, imaginário e ficção. Diegues Jr. (1986), assim como Ariano Suassuna, denomina esse estilo de cordel como “circunstancial” ou “de acontecido”. Também são encontrados os termos “cordel notícia” e “cordel noticioso”, este último empregado por Joseph Luyten (1984), ao reconhecer o folheto não apenas como literatura, mas também por sua função de noticiar e informar acontecimentos. Contudo,

quando comparado ao jornalismo tradicional, o cordel noticioso apresenta técnicas, estilos, modos de produção e objetivos distintos, adaptados à realidade e às competências do cordelista, que, antes de tudo, é um poeta.

3. O Cordel enquanto objeto folkcomunicação

A defesa de que o cordel, ainda que não seja um gênero jornalístico, nem se proponha a sê-lo, assume com maestria a função de noticiar sem abrir mão de sua poética já é discutida por teorias comunicacionais como a folkcomunicação, teoria brasileira idealizada pelo professor e jornalista Luiz Beltrão. A folkcomunicação se debruça sobre as manifestações comunicacionais de grupos populares situados à margem do *mass media*, analisando como esses grupos dialogam com o que é massivo, erudito e popular, ao mesmo tempo em que transformam e são transformados por essas instâncias. Nas palavras de seu fundador, a folkcomunicação pode ser compreendida como o “conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (Beltrão, 1980, p. 24, grifo do autor).

A folkcomunicação preenche o hiato, quando não o vazio, não só da informação jornalística como de todas as demais funções da comunicação: educação, promoção e diversão, refletindo o viver, o querer e o sonhar das massas populares excluídas por diversas razões e circunstâncias do processo civilizatório, e exprimindo-se em linguagem e códigos que são um desafio ao novo e já vigoroso campo de estudo e pesquisa da Semiologia
(BELTRÃO, 1980, p. 26).

Ou seja, o cordel noticioso enquadra-se, neste estudo, como um objeto folkcomunicação pautado em uma outra maneira de noticiar acontecimentos, configurando-se como um método alternativo e contra-hegemônico. Trata-se de uma literatura produzida pelas camadas populares e pensada para o consumo e a identificação desse público (ainda que isso não a impeça de alcançar outros leitores), que ancorada nas práticas culturais, no cotidiano, nas crenças e nos imaginários das classes populares, estrutura-se a partir de um repertório semiótico responsável por engendrar os signos e códigos que conformam suas narrativas, incluindo personagens, cenários e, especialmente, a linguagem.

Luiz Beltrão aponta os folhetos de cordel como uma manifestação comunicacional de caráter transgressor, que emerge em contextos marcados pela ausência ou cerceamento da cobertura jornalística. Ao rememorar o período de censura imposto à imprensa convencional durante a renúncia de Jânio Quadros e a interdição, por parte dos ministros militares, da posse do vice-presidente João Goulart (Jango), entre agosto e setembro de 1961, o autor destaca o papel assumido pelos folhetos nesse cenário. Beneficiando-se de maior autonomia editorial, essas produções passaram a relatar os acontecimentos por meio da poesia popular. É o que afirma Beltrão ao destacar que: “As classes populares valeram-se, então, de seus próprios veículos, folhetos, volantes, atos de presença, grafitos, opondo à força militar a sua vontade soberana” (Beltrão, 1980, p. 19). Joseph Luyten (1984, p. 46), por sua vez, define a importância do conteúdo do cordel noticioso a partir de sua função de “recodificação em nível popular da mensagem divulgada anteriormente por outros meios”. Ou seja, o poeta-repórter atua quase como um tradutor, ao apropriar-se das informações veiculadas em jornais, livros ou mesmo apuradas em primeira pessoa, e decodificá-las a partir dos signos da cultura de seu **próprio público**. Nesse sentido, como afirma Luiz Beltrão (1980, p. 40, grifo do autor), “assim como os discursos da comunicação social são dirigidos **ao mundo**, os da folkcomunicação se destinam **a um mundo**”.

O cordelista comunica para dentro, para um universo cultural específico, enquanto os meios de comunicação hegemônicos comunicam para fora, de maneira generalista, buscando atingir o maior número possível de pessoas. Ao contrário desses meios, o cordelista busca ser compreendido por aqueles que mantêm um elo de identificação com o conteúdo que produz. É importante ressaltar que os jornais brasileiros hegemônicos do século XIX e início do século XX eram produzidos para a elite e mesmo que soubessem ler e escrever, muitas pessoas das classes populares poderiam não entender aquela linguagem rebuscada, conferindo ainda mais confiança e legitimidade ao ler/ouvir aquelas notícias em uma linguagem acessível ao seu entendimento. Luyten (1984) em referência a Ricardo Noblat (não menciona ano), complementa ao afirmar que o cordelista:

Funciona como elemento mediador. E aqui temos o papel mais importante, o de avalista. O mediador entre a cultura de elite para a popular. É o problema da confiança que o homem do povo deposita em seu líder de opinião. É a decodificação do poeta que irá dar a devida dimensão para o leitor popular a respeito daquilo de que ele pode e deve ser informado. E embora persista uma visão

regionalista, a notícia segue seu caminho, de fontes seguras por mãos experimentadas para um público certo. (LUYTEN, 1984, p.45)

Dessa forma, os cordelistas conhecidos pela comunidade e possuidores de ouvintes-leitores fiéis, exerciam o papel de líderes de opinião de seu público, portanto, ouvir/ler o poema noticioso escrito por um cordelista possuía mais credibilidade e legitimidade que ler aqueles fatos em um jornal impresso em uma cidade distantes e por pessoas que aquele público não conhecia (Mendes, 2011, p.123).

Emprestamos de Certeau (1998, p. 45), o conceito de táticas enquanto “engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas.” Isto é, são formas que grupos marginalizados têm de fazer uso do seu não lugar de produção, para criar inventividades que os representem e facilitem sua vida cotidiana. Dessa forma atuam os cordelistas, utilizando-se de seus poemas como táticas para levar informação a locais excluídos pelos meios hegemônicos de comunicação.

De certo que o Correio Braziliense, primeiro jornal brasileiro (ainda que editado em Londres) e o Gazeta do Rio de Janeiro, tiveram suas primeiras publicações em 1º de junho e 10 de setembro de 1808, consecutivamente. No entanto, a popularização do jornal impresso se deu apenas quase um século depois, devido à grande taxa de analfabetismo e concentração populacional em áreas urbanas onde a tiragem de periódicos não chegava (Mendes, 2011). Dessa forma, a população sertaneja assume o papel do marginalizado de Certeau, que não possui um lugar de criação. Por isso, suas táticas são sorrateiras, audaciosas e por natureza criativas, sem necessariamente precisar ser discreta ou escondida, mas por vezes, atuam no microcosmo, tão imbricadas na vida cotidiana que passam despercebidas pelos meios hegemônicos. Aqui mora o nosso exemplo, durante o vácuo de quase cem anos que separa as primeiras publicações jornalísticas brasileiras e um ainda que tímido início da democratização da notícia, era a oralidade responsável por fazer as informações correrem, mesmo que no famoso “boca a boca”.

Logo, os cordéis de notícia podem ser entendidos enquanto táticas, ou seja forma de fazer que se utiliza das ocasiões e oportunidades, brechas de espaço e tempo que o marginalizado possui de expressar sua cultura e sua identidade. É comum às táticas atuarem

no campo inimigo, jogar com as regras do outro, sem abaixar a cabeça para elas. Assim como faz o cordelista ao decodificar uma notícia lida em um jornal tradicional para a linguagem e signos próprios do seu povo. Fazer uso das táticas para manter a poética ordinária viva é assumir a tensão existente entre o hegemônico e o ordinário/marginal, em um ato de resistência, que continuamente luta para conquistar um espaço que lhe é negado por natureza.

Em contraponto as táticas, Certeau traz também o conceito de estratégias enquanto “cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado” (Certeau, 1998, p. 99). Ajustando o ângulo para o cordel noticioso, a estratégia são os meios de comunicação tradicionais que ao excluir parte da população do acesso à notícia, reafirma a lógica operante que legitima o hegemônico como detentor de poder e lugar em função da exclusão do marginalizado.

4 - Aproximações entre o cordel noticioso e os conceitos de notícia e reportagem

4.1 Por um conceito de notícia

Sendo a notícia o carro-chefe da produção jornalística, é no mínimo curioso o fato de não haver uma definição soberana acerca do que seja “notícia”. Este estudo, no entanto, parte da perspectiva de que a notícia constitui uma forma de contação de histórias, estabelecendo um paralelo relacional com o cordel, que é, antes de tudo, um poema narrativo. No caso dos cordéis analisados nesta pesquisa, trata-se de histórias de acontecimentos reais, assim como ocorre com as notícias. Dessa forma, os estudiosos que fundamentam este trabalho compreendem a notícia como uma construção sócio-histórica acerca de um acontecimento, em oposição a perspectivas da teoria do espelho, que entende o jornalismo como espelho que propaga o reflexo da realidade. Traquina (2005, p. 19) afirma que “embora o paradigma das notícias como narrativas não signifique que as notícias sejam ficção, ele questiona o conceito das notícias como espelho da realidade”. Entender a notícia como uma história que comporta uma narrativa construída a partir de uma perspectiva sócio-histórica implica reconhecer que toda narrativa carrega, em sua linguagem, estrutura e forma de contar, um objetivo

argumentativo. Esse objetivo, ainda que muitas vezes implícito, se origina antes mesmo da escrita do texto, já no processo de definição da pauta ou, mais precisamente, na escolha de como um acontecimento será noticiado. Nesse sentido, Motta (2013, p. 196) argumenta que “nenhuma narrativa é ingênua, neutra ou imparcial; toda narrativa é argumentativa. Quer atrair, seduzir, envolver, convencer, provocar efeitos de sentido”, ao explicar o modo como o jornalismo constrói suas narrativas sobre os acontecimentos.

O pesquisador brasileiro Muniz Sodré (2009, p. 24) define notícia como “o relato de algo que foi ou que será inscrito na trama das relações cotidianas de um real-histórico determinado”. Embora o discurso jornalístico busque produzir no receptor a sensação de que os fatos estão sendo observados *in loco*, sem a mediação de um narrador, neste caso, o jornalista, Sodré compreende a notícia não como um meio pelo qual a realidade é transmitida diretamente ao público, sem ruídos ou interferências, mas como uma ferramenta produtora de uma realidade própria. Os jornalistas, portanto, não atuam como narradores fantasmas oniscientes da realidade, nem como meros observadores que tratam os fatos como acontecimentos externos à lógica jornalística, o que sustentaria a ideia de produções neutras e imparciais, concepção fortemente influenciada pelo movimento positivista de Auguste Comte.

Jornalismo não é reflexo, mas construção social de uma realidade específica. Da cultura profissional dos jornalistas, da organização geral do trabalho e dos processos produtivos, portanto, de uma rotina industrial atravessada por uma polifonia exclusiva, surgem os relatos de fatos significativos, (“os acontecimentos”), a que se dá o nome de notícias. (SODRÉ, 2009, p. 26)

Já para Nilson Lage, a notícia é o “modo corrente de transmissão da experiência, isto é, a articulação simbólica que transporta a consciência do fato a quem não o presenciou”. Complementando Sodré e Motta no entendimento da notícia como uma construção sócio-histórica produtora de sentidos, Lage argumenta também que:

Notícia incorporava, de início (e incorpora ainda, nos testemunhos), crenças e perspectivas individuais. Impessoal, tende, nos meios de comunicação social de agora, a produzir-se de modo a eliminar aparentemente crenças e perspectivas. No entanto, a melhor técnica apenas oculta preconceitos e pontos de vista do grupo social dominante. O maior prestígio recai sobre as notícias desprovidas de emoção, o que corresponde à preocupação de abarcar intelectualmente o mundo (conhecê-lo, dominá-lo) sem envolver-se afetivamente proposta que está, sem dúvida, na raiz, tronco e ramos da neurose burguesa. Mudou, de fato, o modo de produção da notícia: crenças e perspectivas nela incluídas não são mais as do indivíduo que a

produzia, mas a da coletividade hoje produtora, cujas tensões refletem contradições de classe ou de cultura. (LAGE, 2001, p. 29)

Com base nas definições de notícia anteriormente apresentadas, compreende-se que o cordel, quando assim se propõe, é capaz de executar o processo noticioso e informacional em suas narrativas. Ainda que faça uso de ampla liberdade editorial, o cordelista, que é, antes de tudo, um poeta, ao se dedicar a noticiar um fato em forma de poesia, produz uma narrativa que informa à sua própria maneira. Não se trata apenas de uma notícia, assim como não se trata apenas de um poema, mas de uma notícia poetizada, uma narrativa construída para noticiar, que comporta camadas de interpretação, opinião, sátira, ironia, humor e poética. Nessa perspectiva, recorre-se à reflexão de Mendes (2011, p. 149) acerca dos deslocamentos do cordel por diferentes gêneros, ao afirmar que “se consideramos o cordel enquanto uma ‘literatura’ diferente, consideramos também o cordel midiaticizado como um ‘jornal’ diferente”.

4.2 Valores notícia e noticiabilidade

Compreendidas as noções acerca do que é notícia, parte-se agora para o entendimento do que faz com que um fato seja considerado relevante o suficiente para se tornar notícia. No processo de produção jornalística, há dois aspectos centrais para a prática do redator, embora muitas vezes tratados de forma quase intuitiva na rotina das redações: a noticiabilidade e os valores-notícia. São esses dois conceitos que orientam a seleção dos acontecimentos e definem quais fatos serão transformados em notícias.

A começar pela noticiabilidade, que funciona como uma espécie de guarda-chuva conceitual capaz de reunir todos os critérios que um acontecimento precisa atender para se tornar notícia, entende-se que os valores-notícia compõem esse conjunto mais amplo. O pesquisador italiano Mauro Wolf (2003) define os critérios de noticiabilidade como uma série de fatores variáveis utilizados pelos jornalistas para filtrar quais acontecimentos possuem potencial para se transformar em notícia. Dessa forma, cada veículo pode estabelecer seus próprios critérios de noticiabilidade, os quais são tão intrínsecos à rotina jornalística que acabam se automatizando e funcionando como um “senso comum” no interior da cultura da redação. Para ilustrar essa dinâmica, tomemos como exemplo os sete principais critérios de noticiabilidade do telejornal da Rede Globo no Rio de Janeiro, cujas informações foram



retiradas da dissertação de mestrado de Alfredo Vizeu, conforme referenciado por Felipe Pena (2010, p. 74):

- A) Ser factual;
- B) Despertar o interesse do público
- C) Atingir o maior número de pessoas;
- D) Coisa inusitadas;
- E) Novidades;
- F) Personagens;
- G) Boas imagens.

Como mencionado, a noticiabilidade é negociada e intrínseca à rotina jornalística, e os critérios anteriormente apresentados foram listados pelos próprios editores do jornal. Observa-se que se tratam de critérios de caráter generalista, que orientam de forma quase automática o trabalho do produtor na filtragem dos fatos, no momento em que analisa quais acontecimentos possuem potencial para se transformar em matéria jornalística.

Por outro lado, os valores-notícia são mais específicos e detalhados e funcionam como uma segunda filtragem, responsável por definir não apenas o potencial noticioso de um acontecimento, mas também seu grau de importância e impacto. Assim, quanto mais valores-notícia um acontecimento reunir, mais relevante tende a ser a notícia, podendo, consequentemente, gerar um maior número de conteúdos, como reportagens, entrevistas e *suites*, além de ampliar as chances de captar a atenção do público. Traquina (2005), com base nos estudos de Wolf, Galtung e Ruge, propõe uma sistematização para a compreensão e a classificação dos diferentes valores-notícia, dividindo-os em três categorias: a) critérios substantivos, b) critérios contextuais e c) critérios de construção. A seguir, confira a lista dos valores-notícia correspondentes a cada uma dessas categorias.

A) Critérios substantivos: avaliação da importância e capacidade de impacto do acontecimento.



- 1 - Morte;
- 2 - Notoriedade;
- 3 - Proximidade;
- 4 - Relevância;
- 5 - Novidade;
- 6 - Tempo (atualidade);
- 7 - Notabilidade;
- 8 - Inesperado;
- 9 - Conflito ou controvérsia;
- 10 - Infração.

B) Critérios contextuais: relacionados ao contexto de produção da notícia e rotina da redação, como a concorrência ou materiais disponíveis:

- 1 - Disponibilidade (de equipe e equipamentos);
- 2 - Equilíbrio (de temas);
- 3 - Visualidade (suporte disponível, como áudio ou imagens);
- 4 - Concorrência;
- 5 - Dia noticioso.

C) Critérios de construção: diz respeito à forma como a notícia será construída, o que será omitido e o que será destacado por exemplo.

- 1 - Simplificação (informar de modo claro);
- 2 - Amplificação (tornar a importância do fato, um interesse coletivo);



- 3 - Relevância;
- 4 - Personalização (dar rosto e nome aos personagens);
- 5 - Dramatização (reforço do lado emocional e conflitual da narrativa);
- 6 - Consonância (inserir o acontecimento em uma narrativa já conhecida).

Ainda que não se atribua a essas escolhas a nomenclatura específica de “critérios de noticiabilidade” ou “valores/notícia” e mesmo que atue de modo inconsciente e, obviamente, sem levar em conta os mesmos critérios mercadológicos de uma redação jornalística, o cordelista, ao assumir a função de poeta-repórter, também possui seus próprios critérios de seleção dos fatos que deseja poetizar. Observa-se, no entanto, que alguns temas tendem a dominar as produções do cordel noticioso, como aqueles relacionados à política, ao interesse humano, aos crimes, entre outros, o que permite vislumbrar uma adaptação dos critérios de noticiabilidade e dos valores/notícias próprios dos cordelistas. Luyten, em referência a Frazer Bond, cita os temas mais relevantes para os cordelistas que produzem poemas de caráter noticioso:

Podemos ver também que qualquer folheto jornalístico apresenta os elementos de interesse da notícia, mostrado por Freezer Bone,(p. 70-73). 1 - Interesse próprio, 2 - dinheiro, 3 - sexo, 4 - conflito, 5 - incomum, 6 - culto do herói e da fama, 7 - expectativa, 8 - interesse humano, 9 - acontecimento que afeta grandes grupos organizados, 10 - disputa, 11 - descoberta, 12 - invenção, 13 - crime. (BOND, s.a, p. 70-73 apud LUYTEN, 1984, p. 31)

Para além dos temas mais pertinentes aos cordelistas enquanto critérios de noticiabilidade, o cordel também adapta a imprensa tradicional em sua estilística e em seu modo de fazer, não como uma imitação, mas como resultado de uma influência direta. Luyten (1984), em referência aos estudos de Hosseini, acerca da influência da imprensa sobre o cordel noticioso, identifica três grandes linhas desse processo: a) influência estilística, na qual o cordelista assume para si a função de repórter, apurando informações e adotando um cunho jornalístico no poema ao tratar de fatos reais com riqueza de detalhes, como locais, datas e horários exatos, além da citação de nomes de personagens e instituições, características que produzem efeitos de real e conferem credibilidade e verossimilhança à narrativa; b) transcrição jornalística, em que o cordelista realiza uma transcrição quase literal da notícia veiculada nos jornais, podendo inclusive abrir mão dos versos e das rimas para tal; e c)

influência quanto à fonte, na qual o poeta se informa por meio da imprensa tradicional, mas recodifica a notícia para o universo simbólico e cultural de seus leitores.

Como sugere Mendes (2011), o estatuto de literatura atribuído ao cordel brasileiro parece, por vezes, retirar-lhe o direito de transitar entre outros gêneros, especialmente quando se trata do jornalismo moderno, marcado por um dualismo entre realidade e literatura, fortemente influenciado pela noção de objetividade jornalística. No entanto, o cordel constitui um fazer artístico que é, antes de tudo, poético, popular e cultural, mas, sobretudo, fluido e capaz de circular entre diferentes gêneros, modelos e formatos.

4.3 O gênero “reportagem”

A notícia pode ser equivocadamente compreendida como a matéria-prima do jornalismo, quando, na verdade, os acontecimentos é que ocupam esse lugar; a notícia configura-se, portanto, como um produto do fazer jornalístico, o “carro-chefe” de qualquer redação, aquele produzido em maior escala e também o primeiro formato com o qual os estudantes de jornalismo têm contato em sala de aula. A reportagem, por outro lado, é comumente associada a áreas do jornalismo especializado e demanda maior aprofundamento e domínio do tema, além de comportar camadas de interpretação e, em alguns casos, até mesmo um tom literário, capaz de cativar o público, sobretudo por se tratar de um texto mais extenso. A principal diferença entre notícia e reportagem reside no fato de que a reportagem, com seu nível de aprofundamento, detalhamento e relativa liberdade criativa, debruça-se sobre um assunto a partir de uma determinada perspectiva, e não apenas sobre a cobertura factual de um acontecimento, como explica Nilson Lage ao afirmar que:

A reportagem não cuida da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, mas do levantamento de um assunto conforme ângulo preestabelecido. Notícia-se que um governo foi deposto; fazem-se reportagens sobre a crise político-institucional, econômica, social, sobre a reconfiguração das relações internacionais determinada pela substituição do governante, sobre a conspiração que levou ao golpe, sobre um ou vários personagens envolvidos no episódio etc. (LAGE, 1987, p. 46 e 47)

Ainda em busca de maior clareza acerca do gênero reportagem, Traquina (2005), ao discorrer sobre a notabilidade enquanto critério de noticiabilidade, chama atenção para o fato de que o jornalismo se volta muito mais para a cobertura de acontecimentos do que para



problemáticas. Ao citar Lippmann, Traquina explica que uma greve operária é facilmente noticiável por se tratar de um evento tangível, enquanto as condições de trabalho e outras problemáticas que conduziram à greve dificilmente encontram espaço no *hard news*, justamente por serem menos tangíveis. Desse modo, a reportagem configura-se como uma produção complementar, porém independente, capaz de se dedicar às problemáticas, aos antecedentes, às possíveis consequências e às diferentes formas de impacto dos acontecimentos, conforme exemplifica Lage na citação anteriormente apresentada.

Já Jorge Pena (2010), em referência aos estudos do professor João de Deus compartilha um quadro comparativo entre os gêneros notícia e reportagem (confira na TAB 1):

TABELA 1

Comparativo entre notícia e reportagem

A notícia apura fatos	A reportagem lida com assuntos sobre fatos
A notícia tem como referência a imparcialidade	A reportagem trabalha com o enfoque, a interpretação
A notícia opera em um movimento típico da indução (do particular para o geral)	A reportagem, com a dedução (do geral, que é tema, ao particular os fatos)
A notícia atém-se à compreensão imediata dos dados essenciais	A reportagem converte fatos em assunto, traz a repercussão, o desdobramento; aprofunda
A notícia independe da intenção do veículo (apesar de não ser imune a ela)	A reportagem é produto da intenção de passar uma "visão" interpretativa

A notícia trabalha muito com o singular (ela se dedica a cada caso que ocorre)	A reportagem focaliza a repetição, a abrangência (transforma vários fatos em tema)
A notícia relata formal e secamente - a pretexto de comunicar com imparcialidade	A reportagem procura envolver, usa a criatividade como recurso para seduzir o receptor
A notícia tem pauta centrada no essencial que recompõe um acontecimento.	A reportagem trabalha com pauta mais complexa, pois aponta para causas, contextos, consequências, novas fontes

FONTE: João de Deus, 2003 apud Jorge Pena, 2010, p. 76

Nesse sentido, ao retomar as reflexões de Lage e Traquina acerca da reportagem como um gênero que se debruça sobre os assuntos e suas diferentes perspectivas, bem como sobre as problemáticas derivadas de um fato, destacam-se, a partir do quadro apresentado por João de Deus, os seguintes aspectos característicos da reportagem: “a reportagem trabalha com o enfoque e a interpretação”; “a reportagem opera com a dedução, partindo do geral (que é o tema, para o particular, que são os fatos)”; “a reportagem converte fatos em assunto, trazendo repercussões e desdobramentos, aprofundando-os”; e “a reportagem procura envolver o receptor, utilizando a criatividade como recurso de sedução”.

Propõe-se, assim, uma aproximação do cordel de acontecido mais íntima com o gênero reportagem do que com o gênero notícia, uma vez que: A) o cordel de acontecido trabalha com a interpretação dos acontecimentos, apresentando o cordelista, inclusive, como um decodificador; B) geralmente, os poemas de acontecido se iniciam com a contextualização do fato ao leitor, enquanto o acontecimento factual propriamente dito só é apresentado entre a terceira e a quarta página; C) é comum que os cordéis utilizem a poética, a liricidade, a ironia



e o sarcasmo para criticar e/ou problematizar questões subjacentes aos acontecimentos, de modo que o fato funciona, na verdade, como um gancho para a crítica e/ou para a exposição de uma problemática; e D) o cordelista se vale de sua liberdade enquanto poeta para mesclar fatos com ficção, além de explorar de forma criativa as rimas e as figuras de linguagem.

5 - Análise do cordel “A guerra na Ucrânia”

Publicado em julho de 2022, em Fortaleza, e assinado pelo cordelista cearense Jotabê (João Batista Vieira Fontenele), o cordel que será analisado a seguir, como sugere o título “A guerra na Ucrânia”, aborda os ataques russos contra a Ucrânia e suas consequências. Nesta análise textual, o foco recai sobre os aspectos narrativos que podem ser comparados aos gêneros jornalísticos notícia e reportagem, buscando, ao final, apontar, com base nos resultados da observação, de qual desses gêneros o poema mais se aproxima.

Dito isso, o cordel “A guerra na Ucrânia” é composto por sete páginas e se inicia com as lamentações do narrador diante dos conflitos pelos quais o planeta tem passado nos últimos anos, como a pandemia, as problemáticas geopolíticas, o aumento da violência e a desigualdade social. A narrativa apresenta forte viés religioso e, já na primeira página, o cordelista dirige seu clamor ao divino ao profetizar que o planeta atravessa algo semelhante às “sete pragas do Egito”. A partir dessa contextualização inicial, o autor só revela o assunto central do poema (a guerra na Ucrânia), na segunda página, o que corrobora o quadro comparativo entre notícia e reportagem proposto anteriormente pelo professor João de Deus, ao indicar que a reportagem trabalha com “a dedução (do geral, que é tema, ao particular os fatos)”. Nas estrofes seguintes, a guerra na Ucrânia é inserida juntamente com algumas das respostas clássicas do *lead jornalístico*:

Agora para os Leitores

Escrevo de Antemão

Sobre a Guerra na Ucrânia

Usando a Inspiração

Cumprindo com meu papel

Narrando neste CORDEL

Tamanha destruição.

Por questões Geopolíticas

Ucrânia foi Invadida

Pela Rússia bem armada

Praticando essa investida

Foi logo Mísseis lançando

Vários Prédios derrubando

Tirando do Povo a Vida.

Começou em Fevereiro

Essa Guerra Crucial

Vinte e Quatro foi o dia

Do Ataque Inicial

O tempo vai se passando

E só Jesus sabe quando

Ela vai ter seu Final.

(Fontenele, 2022, p. 2, grifo nosso)

Nas estrofes acima, temos a resposta às perguntas “quê”, “quem”, “quando” e “onde” do lead jornalístico. A resposta ao “quê” compreende a invasão da Ucrânia, já as respostas ao “quem” e ao “onde” referem-se aos personagens principais da narrativa, a Ucrânia invadida pela Rússia, como se observa nos seguintes versos “Por questão geopolíticas / A Ucrânia foi invadida / Pela Rússia bem armada.” O “quando” é respondido na terceira estrofe com os versos “Começou em fevereiro / Essa Guerra Crucial / Vinte e Quatro foi o dia / O Ataque

inicial”. Quanto ao “por quê”, o cordel se mostra simplista e se limita a responder apenas “Por questões geopolíticas”, já na primeira estrofe apresentada.

No decorrer do poema, com o intuito de produzir efeitos do real, o narrador apresenta alguns dados sobre os ataques russos, como “Mais de duzentas escolas / Foram também destruídas” (Fontenele, 2022, p.3), “Setenta maternidades / Bombardeadas também” (Fontenele, 2022, p.3) e “Sete mil já foram mortos / Nessa Guerra Pertinente” (Fontenele, 2022, p.5). Na estrofe a seguir, percebe-se que o cordel foi produzido cerca de cinco meses após o início da guerra, o que indica que o cordelista não está noticiando uma novidade, mas sim construindo um panorama geral de um fato que já era de conhecimento público e que contava com ampla cobertura da mídia tradicional.

Cinco meses se passaram

E essa guerra não cessa

Para derrotar a Ucrânia

A Rússia já não tem pressa

Porque tá ganhando o jogo

A ordem de cessar fogo

Para ela não interessa

(Fontenele, 2022, p.5. Grifo nosso)

Jotabê atualiza a questão da Guerra na Ucrânia com fatos adjacentes à problemática central ao citar os dados já mencionados referentes ao número de escolas e maternidades bombardeadas além de vítimas fatais. Esta é outra estratégia comum as reportagens, como indica Lage:

A notícia distingue-se com certo grau de sutileza da reportagem, que trata de assuntos, não necessariamente de fatos novos; nesta, importam mais as relações que reatualizam os fatos, instaurando dado conhecimento do mundo. A reportagem é planejada e obedece a uma linha editorial, um enfoque; a notícia, não. (LAGE, 2001, p. 30)

Deste modo, o poema analisado não trata da cobertura *hard news* da guerra na Ucrânia mas sim reconstitui os fatos utilizando a Guerra na Ucrânia enquanto problemática central mas focando nas consequências amplificadas (lembrando o valor notícia citado por Traquina anteriormente) destas, uma vez que nas estrofes abaixo podemos perceber como o narrador aproxima o público da problemática ao mostrar como as consequências dela afeta o leitor.

As consequências da Guerra

Já atingem o mundo inteiro

Comida já tá faltando

Porque ninguém tem dinheiro

Aumentou o desemprego

Num grande desassossego

Vive o cidadão ordeiro

Tudo subindo de preço

Só por causa da Guerra

Exportações canceladas

Para qualquer parte da terra

[...]

Quem tiver automóvel

Vive aperreado

Vai ter que andar a pé

Deixando o carro guardado

Se lamentando da sina

Isso porque a gasolina

Teve seu preço dobrado

O alimento também

Já começa a ficar caro

São os efeitos da guerra

Entre nós bastante claro

[...]

Subiu a conta de luz

Que sempre nos ilumina

[...]

O preço do gás butano

Do consumidor desdenha

Ficando lá nas alturas

[...]

Até a conta da água

Nosso líquido precioso

Teve seu preço alterado

Nesse ataque criminoso.

(Fontenele, 2022, p. 6 e 7. Grifo nosso)

O desemprego, o aumento dos preços da gasolina, dos alimentos, do gás e da água são questões que preocupam o cidadão comum, e o cordelista opta por citar essas consequências ao final do poema como forma de aproximar o seu público da problemática e fazê-lo sentir-se também afetado pela guerra, ainda que de maneira indireta e mesmo que esses acontecimentos se deem em outro continente.

Em síntese, com base no cordel analisado e na fundamentação teórica, os resultados da análise apontam que o cordel está mais próximo do gênero reportagem que do gênero notícia pelos seguintes aspectos: A) Não realiza a cobertura dos fatos respeitando a temporalidade do factual mas sim uma reconstituição e atualização do assunto. B) Utiliza o acontecimento

como gancho para tratar de um assunto em questão. C) Aborda a problemática do assunto e suas consequências, aproximando e causando identificação no receptor. D) Trabalha com camadas de interpretação e subjetividade. E) Faz uso da criatividade, oralidade, rimas e poética para construir uma narrativa. Desse modo, qual seria então o termo mais usual para se referir aos cordéis que noticiam acontecimentos?

Ainda que o cordel se aproxime mais do gênero reportagem do que do gênero notícia, coloca-se a questão sobre qual seria o termo mais apropriado para designar esse tipo de poema. Isso porque “cordel notícia” remete diretamente ao gênero notícia, enquanto “cordel de acontecido” ou “circunstancial”, como sugerem Diegues Jr. e Ariano Suassuna, não necessariamente se referem à noticiização de um fato, podendo tratar-se apenas de uma narrativa baseada em acontecimentos reais. O termo “cordel jornalístico”, por sua vez, pode induzir à compreensão equivocada de que o cordel seja um gênero ou produto jornalístico, o que não corresponde à realidade. Uma alternativa possível seria “cordel reportagem”, contudo, o que este estudo compreende é que o cordel, enquanto poema, comporta em suas camadas uma função intimamente relacionada à reportagem, sem que isso o reduza a ser apenas reportagem, apenas poema ou apenas literatura, mas sim um objeto multifacetado sustentado pela poética do cordel. Nesse sentido, parece-nos simplista relacionar diretamente o cordel à reportagem como se se tratasse de um novo gênero híbrido, quando, na verdade, trata-se do mesmo cordel exercendo diferentes funções e transitando por sua interdisciplinaridade. Resta, então, o termo proposto por Joseph Luyten, “cordel noticioso”, que se mostra o mais adequado, pois, embora dialogue com o gênero notícia, o adjetivo “noticioso” aponta para o “quê” de notícia que o poema comporta. Importante salientar, ainda, que o próprio gênero reportagem não deixa de noticiar um fato, uma vez que o processo de noticiamento (informar de modo compreensível e tecnicamente estruturado um acontecimento a alguém), permanece presente. Assim, o cordel, ainda que mais próximo da reportagem do que da notícia stricto sensu, pode ser compreendido como “cordel noticioso”, pois comporta com maestria o processo noticioso de informar acontecimentos ao seu público.

6 - Conclusão

Em um primeiro momento, este estudo teve como objetivo refletir sobre o cordel enquanto manifestação, produto e agente da cultura nordestina, alimentando-se do imaginário popular e coletivo ao mesmo tempo em que contribui para a sua constituição, integrando-se de forma orgânica à paisagem cultural da região. Embora o cordel brasileiro, e em especial o nordestino, apresenta modos de produção singulares que reafirmam a identidade cultural do contexto em que se insere, trata-se de uma prática cujas origens remontam à tradição oral medieval, introduzida no Nordeste por meio da colonização portuguesa.

Este estudo adotou a perspectiva folkcomunicação para compreender o cordel tanto como manifestação cultural quanto como processo comunicacional. A folkcomunicação, enquanto teoria brasileira, dedica-se à análise das dinâmicas comunicacionais produzidas por grupos historicamente marginalizados, bem como às formas de interlocução, apropriação e tensionamento que esses grupos estabelecem em relação aos sistemas hegemônicos de comunicação.

O estudo dedicou-se ainda à discussão sobre os conceitos de notícia e reportagem, bem como aos critérios de noticiabilidade e aos valores-notícia que estruturam o processo de noticiamento. Ao compreender a notícia como uma construção social produtora de sentidos e a reportagem como uma forma de noticiar que opta por tratar o acontecimento enquanto assunto, aprofundando-se em suas problemáticas e consequências, a pesquisa aponta para uma maior proximidade do cordel com o gênero reportagem do que com o gênero notícia, sugerindo o termo “cordel noticioso”, proposto por Joseph Luyten, como aquele que melhor exprime a função de noticiamento que a poética do cordel pode comportar.

Nesse sentido, foi analisado o cordel “A guerra na Ucrânia”, com o propósito de exemplificar os conceitos apresentados e demonstrar, de forma prática, como a poesia de cordel pode exercer a função de noticiar acontecimentos, articulando comentário, opinião e denúncia.

Por fim, o estudo aponta o cordel noticioso como um método contra hegemônico de noticiar e informar, profundamente marcado pela subjetividade, pela interpretação e pelo posicionamento crítico, sem abdicar do compromisso informativo. Ainda que não se

configure como jornal ou como jornalismo stricto sensu, o cordel frequentemente assume, com eficácia, a função de noticiar, preservando antes de tudo, sua liberdade poética.

Referências

- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- CAUNE, Jean. **Cultura e Comunicação: Convergências teóricas e lugares de mediação**. 1º ed. São Paulo: Unesp, 2014.
- CERTEAU, Michael de. **A Invenção do Cotidiano**. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 1998
- CURRAN, Mark J. **A literatura de cordel**. 1º ed. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1973.
- FONTELE, João Batista Vieira. **A guerra na Ucrânia**. Fortaleza, 2022.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1º ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- JUNIOR, Manuel Diegues. Ciclos temáticos na literatura de cordel. In: JUNIOR, Diegues; SUASSUNA Ariano; NASCIMENTO, Bráulio do; CURRAN, J Mark; LAMAS, Dulce Martins; QUEIRÓS, Raquel de; BATISTA, Sebastião Nunes. **Literatura popular em verso: estudos**. 1º ed. Itatiaia: Editora da Universidade de São Paulo, 1986. V. 94, P - 27 a 177.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 1º ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 2º ed. Ática: São Paulo. 1987.
- LUYTEN, Joseph Maria. **A notícia na literatura de cordel**. Orientador: Egon Schaden. 1984. 240f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1984.
- MENDES, Simone de Paula dos Santos. **Um estudo da argumentação em cordéis midiaticizados: da enunciação performática à construção discursiva da opinião**. Orientador: Wander Emediato de Souza. 2011. 277f. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. 1º ed. Petrópolis: Vocês, 2009.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. 1º ed. Vol 2. Insular: São Paulo, 2005.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 8º ed. Lisboa: Presença, 2003.